

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO: — *Boas-Festas*, pela Redacção.—**Estudos:** *Christianismo e Socialismo*, por D. Francisco de Noronha.—**VERSOS DO NATAL:** *Implevi sunt dies*, poesia, por M. F.—**QUADROS RELIGIOSOS:** *O Nascimento do Messias*, pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho, Abbade de Mancellos.—**LYRA CHRISTA:** *Hymno da Igreja ao Santo Nascimento de Christo*, trad. de A. Moreira Bello.—**VARIA:**

O Natal, por M. M.—**CRITICA D'ARTE RELIGIOSA:** *O Natal no Louvre* (de Huysmans) trad. de P.—**AS NOSSAS GRAVURAS.**—**DE TUDO UM POUCO.**—**RETROSPECTO DA QUINZENA.**—**INDICES.**

Gravuras: *A Sagrada Familia; A Adoração dos Magos; Jesus Salvador dos Homens.*



A Sagrada Familia

O NOSSO ARTIGO

Boas festas

Natal! E' agora por estes dias d'uma luz duvidosa, —ou empannados pelo espesso véu das brumas, ou cortados pela afiada brisa hibernal— que nós festejamos jubilosamente o nascimento do Redemptor dos homens, que viera ao mundo por uma noite aspera e inhospitaleira n'um canto da Judéa, consoante as predicções do Antigo Testamento.

A data natalicia de Jesus ficou sendo para toda a Christandade, desde evos remotos, como a festa por excellencia, a festa familiar e patriarchal, cheia de resabios de antigos costumes e crenças.

Festejam-no todos, os palacios e as choupanas, as creanças e os velinhos, no recondito das aldeias e no bulicio dos grandes centros.

N'esta occasião dão-se treguas a luctas e paixões, esquecem-se inimizades e odios, acolhem-se estranhos e parentes, chamando-os ao calor do lar, e ahi por entre expansões d'uma alegria franca e communicativa, rememoram-se velhos costumes e pristinas tradições, sãs e puras.

Salvé, pois, oh dia de Natal! Hosanna ao Filho de David!

Como usança deveras sympathica é costume n'esta occasião trocar-se cumprimentos de boas-festas. E' tão corrente isto que olvidal-o tornar-se-hia uma descortezia algo notada.

Não queremos nós, pois, quebrar a praxe, e por isso o vamos fazer aqui. Mas desde já prevenimos os nossos presados leitores que tambem não dispensamos a respectiva retribuição. E' attentos os dotes civicos e predicados religiosos que são apanagio das pessoas a quem nos dirigimos, contamos ser plenamente attendidos no nosso pedido.

Todos conhecem o papel importantissimo, a missão alevantada da imprensa catholica nos tempos hodiernos. Todos sabem qual é a empreza que lhe compete dar solução: desfazer com denodo e desassombro as malhas intrincadamente insidiosas do erro e da mentira.

Mas, no entanto, todos parecem ignorar a lucta constante e insana que ella tem, dia a dia, de travar, não só contra os seus inimigos, mas ainda contra os obstaculos que pela carencia de auxilios por parte dos seus amigos a assoberbam poderosamente; todos emfim parecem olvidar que por este motivo a imprensa catholica faz esforços inauditos para se manter á altura da sua missão.

Repetimos ainda mais uma vez: são precisas novas assignaturas para os seus jornaes, são necessarios novos subscriptores, que, deixando de auxiliar as publicações insidiosas e deleterias, venham augmentar as nossas, mais abandonadas, mais diminutas!

Vamos, pois, formular agora o nosso pedido: Nada custará a cada um dos nossos actuaes assignantes arranjar uma assignatura para o nosso jornal, attento o seu diminuto preço annual.

Com este favor apreciavel que nos angariam lucrarmos até os nossos proprios subscriptores, porque d'est'arte cada vez mais melhoramentos poderemos introduzir no nosso jornal, além dos que vamos indo fazendo.

Portanto ficamos esperando que este appello dê o resultado almejado, mórmente porque nós o pedimos como simples retribuição, agora que enviamos aos nossos distinctos collaboradores, presadissimos amigos do nosso jornal, estimados assignantes e leitores em geral, os nossos sinceros cumprimentos de

Boas-Fésta

ESTUDOS

Christianismo e Socialismo

A questão essencialmente grave de nossos tempos é a de ter e de não ter, ou, na phrase de Victor Hugo no celebre discurso em Chateau-d'Eau no dia 3 d'agosto de 1879: «é a dos que têm e dos que não têm.»

A palavra propriedade, dando origem a interpretações mais ou menos verdadeiras e mais ou menos forçadas, é a fada que embriaga e deslumbra as multidões, seduz e arrasta muitos fracos a precipicio, abre escolas e accentua doutrinas, põe actividades em movimento e desengana temerarios.

O homem que trabalha, que creou familia com seu amor e lhe garante existencia com seu suor, aspira naturalmente a uma situação de conforto, seguro de possuir.

Esta aspiração louvavel, esta sêde justificada corre porém o perigo de se transformar em ambição insaciavel, convertendo o ser humano em agente de crime e em instrumento de iniquidade.

E quando as coisas chegam a semelhante estado encontra-se totalmente perdido o equilibrio moral dos individuos, perfeitamente desvirtuada a noção sensata de direitos e de deveres, e completamente apagadas as linhas de demarcação divisorias entre bem e mal, entre merito e demerito.

Os erros do socialismo têm principalmente consistido em sahir para fóra do Decalogo e do Evangelho, formulando preceitos, estabelecendo regras e proclamando principios sem base fundamental.

Ha phenomenos que obedecem a leis de excelsa grandeza e sublimidade; e no momento em que o homem se furta a vèl as nitidas em sua consciencia por sua propria percepção interna, suspende-se no ar para assim dizer, confundindo tudo em amalgama indigesto.

«Ama a Deus e ao teu proximo!» — Eis o resumo pratico do codigo do Sinai, eis a portentosa maravilha de uneção civilisadora em aquillo que foi transmittido a Moyses pelo supremo legislador!

«Amae-vos uns aos outros. Dae a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar!» — Tal é a summa complementar do Antigo Testamento em labios de Jesus Christo!

Operarios que me lêrdes, como vós, tenho-me sentido muitas vezes irritado e em revolta contra as prepotencias sociaes e os abusos da força, tambem me tenho supposto invésido em attribuições simultaneas de juiz e executor de alta justiça, tenho percebido então vigor sufficiente em meu braço e em meus dedos para empunhar uma arma e fazer despedir bala certa de legitimo castigo, mas penso melhor, cedo a serena reflexão, passo a analysar factos, examino-lhes os elementos detidamente e á proporção que alargo a vista e avango n'este campo inconfundivel de realidades avoluma-se perante mim o quadro das miserias e das lastimas, dos contrastes e das harmonias, dos erros e das loucuras, dos desvios voluntarios de linha recta e dos sophismas traiçoeiros e calamitosos. Convenço-me plenamente que eu e vós peccamos com frequencia em não separar trigo e joio, rosas e espinhos, luz e trevas.

Ha prisma e prismas; e porque somos levianos ou fallhos de escrupulo em distinguil-os, deixamos-nos enlevar por vaidades, seduzir por galanteios, cahir em lôgro por discursos pomposos annunciando novidade e promettendo aurora de emancipação.

Estas bellezas de aspecto enganador perturbam os cerebros, agitam o systema nervoso, entenebrecem as faculdades, e quando julgamos caminhar para a felicidade, topa-se com o banco dos reus, traga-nos a cadeia, engolel-nos o cemiterio após o acto inglorio de um suicidio

Não succederia assim se não houvesse insensatos procurando evidencia de celebridade, descontentes cheios de odio mortal a seus semelhantes mais felizes, apaixonados sem freio e sem pudor.

O Deus de Israel e o Doutrinador da Judéa orientaram o mundo no rumo authentico de evolução pacificadora e de progresso perduravel. Amar e assumir no apreço naturezas e qualidades por suas respectivas applicações e por suas espheras adequadas de acção intima bastam ás sociedades para florescia de paschoa e aos seres humanos para consagração de liberdade. Querer mais é utopia de visionario e socialismo destemperado. Não de existir sempre desigualdades de fortuna e de meios, porque haverá sempre desigualdades physicas e moraes — robustez de organismo e fraqueza muscular, monstros e modelos de perfeição irreprehensivel, indole perversa e bondade intrinseca, resignação typica e excitação permanente!

Nem o sonho luminoso de philosopho, nem até o punhal afiado de assassino audaz podem amaciar tantas asperezas que impedem nivelamento e imprimem signaes dolorosos na face das gerações.

A antiguidade oriental, e a Grecia e Roma classicas desabaram no esterquilinio sensual porque esqueceram a mulher-mãe e desprezaram o homem-escravo: Jesus, de Nazareth, libertou a metade gentil do genero humano e deu carta de alforria ao escravo porque não esqueceu nem desprezou a palavra de amor contida no ensinamento de seu Eterno Pae!

Amemo-nos, portanto, amemo-nos em Jesus Christo por auxilio fraternal, por esquecimento de injurias, por affectos de familia, por esperança tranquilla e por aperto de laços de reciprocidade carinhosa em todos os lances da vida!

Com tão sympathica resolução, com tão profundo sentimento de caridade estaremos seguros contra quaesquer armadilhas e embustes e não nos preoccuparemos ácerca de formas de governo e côr de instituições.

Sejamos todavia solidarios no esforço honrado, nos cuidados de economia domestica, no proceder digno e honesto, e no respeito mutuo e sincero!

D'este modo poderemos franca e livremente fazer declaração de socialistas, porque nenhuns erros de socialismo nos lançarão em tremedal de anarchia.

E, igualmente, não ficaremos acorrentados a monarchia ou a republica, visto não violentar a opiniões politicas o divino apostolado de Jesus.

Foi de seu apostolado que derivou para os povos o beneficio de equidade salutar que desde a hora do Calvario se tem reflectido constantemente por doçura de costumes, humanisação de codigos e anhelos de paz universal!

Se o operariado do mundo inteiro comprehendesse bem a essencia doutrinaria do Evangelho de Jesus, se quizesse reconhecer a sua propria dignificação pelo filho do carpinteiro de Galiléa, se fosse tão prudente e cauteloso que se não deixasse embahir por ninguem, se tudo isto definisse o operariado do mundo inteiro, então seria eu o primeiro a aconselhar o para o movimento decisivo de suas reivindicaciones.

Reconheço que ha enorme sordidez cruel e deshumana em alma de patrões e de capitalistas, que varios potentados de moeda apenas tratam de retêr dinheiros sem beneficio de quem mais carece de trabalho e de pão; mas percebo não existir balisa que auctorise esforços de violencia de homens para homens e que confie o camartélo destruidor a mãos de entes intrinsecamente unidos por origem commum e identico destino!

Resta ao opprimido resignar-se com o quinhão que lhe cabe e tentar pela educação o que a fortuna lhe nega. Mas educação de sentimento, de amor solidario, de culto

ao bem, porque fóra d'ahi rugem as tormentas, oscilam as moradas, gemem as mulheres fartas de fome e chias de miseria, morrem as creanças á mingua de sustento.

Os bandos de operarios em revolta poderão lançar fogo á habitação dos ricos, abrir as torneiras das adegas, saquear e devastar sem unificação de plano e sem illustração dirigente, poderão mesmo encher as algibeiras de ouro e de joias preciosas; porém, depois, quando só reinar crepitação de chammas e cháos tumultuario virá por força uma hora de defesa terrivel, de reacção de sangue e de repressão severa — a hora dos mantenedores da ordem publica e dos diques asseguradores do direito de propriedade.

E os operarios? Uns ficam estendidos no solo á espera de coveiro, outros sem liberdade sob ferros, outros ainda estropeados e incapazes de ganhar a vida!

E ao passo que os homens se perdem no fragor d'estas procellas temerarias e puniveis secca-se o leite nos seios das mães, de-finha a prole nos berços sem abrigo, desbotam-se e murcham as flores do pudor no lar de proletario ausente sem inviolabilidade de asylos!

Não vamos atraz do agitador que agrada por arênga palavrosa e por arrogancia de ameaças, antes de ceder ao impulso de entusiasmos saibamos quaes são os direitos e deveres do homem physica e moralmente considerado. E' preciso obstar a occasiões de arrependimento e evitar possibilidades de quédá.

Não se arrepende nem recebe fractura de orgãos quem se guarda em seu logar e quem se cinge a seu posto. O Christo não fez distincções de homens, só foi em colera e empunhou azorrague para expulsar vendilhões do templo: nunca estudou estylos para significar a ardilosos quem era o proximo.

Engalanam-se contemporaneos de socialismo com outro falar e com diferente intuito; eu, por mim, não encontro porém melhor falar que este: «Amae-vos», e melhor intuito que aquelle exemplificado na cruz: morrer perdoando! As mais altas culminações da philosophia de todos os tempos, os maiores engenhos de descobertas scientificas, o crystallino purissimo de individualidade humana, o verbo creado não se acerçou até agora das turbas, assim. O mandamento de amor valeria immenso e teria virtude bastante para operar fundamentalmente no coração dos individuos de especie racional e na consciencia dos povos, mas esse mandamento, coroado pela voz doce de moribundo sem culpas, que implora do instrumento de seu supplicio o perdão dos algozes é o que de sublissimo auroras têm allumiado sobre a terra, é o maximo a que sabios podem aspirar como claridade serena de espirito, que indigentes podem pretender como orvalho consolador e que descontentes podem querer como chave infallivel de transformação social.

Toda a gloria e grandeza de antigos imperios e de civilisações extinctas aluiu e soscobrou por falta de medida em escolha e acerto de prazeres, por incompetencia de principios, e por cego ajuste de proporções na periphéria de seus focos de expansibilidade irradiante.

Entretanto no momento em que a espada victoriosa dos legionarios de Roma terminou a conquista da Grecia dir-se ia completa a felicidade do genero humano pela unidade brilhante do Estado n'um unico povo, possuidor de todos os elementos vigorosos de força irresistivel, de leis primorosas, de bellezas artisticas inexcediveis, — de seiva e de calor, de musculo e de cerebro; mas falharia tal previsão, porque falhavam por entre os esplendores importados da Hellade e as deslumbrantes fascinações do vicio opulento com que os senhores do mundo entretinham os dias, falhavam, digo, os conceitos de humanidade, os ideaes de justiça, as esperanças de eternal mansão, os anceios de harmonias moraes não terrenas com que Jesus,

de Nazareth, aprestou os pescadores do Tiberiades, a pouco trecho convertidos em apóstolos da Boa Nova.

Eis a milicia dilecta de Jesus para fecunda e colossal empreza!

Não procurou patrões e patricios, chamou plebeus e operarios das rêdes!

Não recommendou comtudo a nenhum d'elles que offendesse os ricos, que se apoderasse de seus bens, que penetrasse em suas casas como inimigo; pelo contrario, preparou os para soffrer, animou-os para lutar desarmados, offereceu lhes como quadro instructivo e de coragem as scenas dolorosas da Paixão!

Está, portanto, mais que provado o beneficio do Evangelho em relação aos humildes d'este mundo.

Levantou-os pela candura, pela resignação, pelo amor até estranhas fulgurações de bondade, até imponentes nivelamentos de martyrio; e não obstante a insistencia das perseguições, a pobreza dos habitadores das catacumbas e a indifferença de muita gente capaz de influir a favor dos condemnados sem crime, não obstante o numero e categoria de tantas correntes de estôrvo, foram elles que levaram de vencida o poder dos Cesares, que substituiram as aguias pela Cruz, que restituiram os escravos á familia humana!

«Amae-vos!»

Eduquemo-nos por esta expressão civilisadora, appliquemo-nos nas horas vagas a instruir-nos por seu calor salutar!

«E' a grandeza do Christianismo, escreveu o illustre historiador Ampère, já fallecido, no livro admiravel *A Grecia, Roma e Dante*, não atacar de frente nenhuma fórma social, accomodar-se com todas, sobreviver a todas.»

Cacilhas, novembro de 1903.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

VERSOS DO NATAL

Impleti sunt Dies

Depois que Adão peccou, a humanidade
Entrou de se enfermar horrivelmente.

No lôdo, mais e mais,
Se immergia da cynica maldade,
Sem que houvesse uma força, assás potente,
Que lograsse aos humbraes
Da morte subtrahil-a afoutamente.

Fragil náu, a perder-se no oceano,
Em ruina se abysmava noite e dia,
Sem lhe acudir sequer,
Sem a suster o exemplo, o punir diluviano,
De Pentapole a cinza ainda mal fria...

—Licção dada a valer

A quem posterga as leis, que amar devia.

Sobre a terra apagára se a esperança!
Soprára a maldição! E' tudo treva!...

Lampejos de fanal
Onde é que os ha? Alento, quem o alcança?
Nos corações da triste prole de Eva
Em haustos de chacal
O desesperô crú as furias céva!...

Ao mundo a vez tocou de esphacelar-se?
Para elle tudo, alfim, é já perdido?...

Tudo perdido... não.
Poude outr'ora Abrahão congratular-se
Um Redemptor ao ser-lhe prometido.

.....
Exulta pois, Sião!

Dos Céos á terra o Justo eil-o é descido.

Corramos a Belém.
Nos valles, nos cumeiros,
Pregôam mensageiros
Que ao mundo é nado o bem.

Começam a raiar
Da paz, do amor os dias,
Assomam alegrias...
Um termo haja ao penar.

De gala, hoje, ó Sião,
Sauda, jubilosa,
Mercê mais portentosa
Que toda a criação

Do Céo o ornamento,
O Verbo, o Salvador,
D'um estabulo no horror,
Pousada vil de armento!...

As perfeições d'um Deus,
D'um Deus gloria e sciencia,
Jazem sob a apparencia
D'uns humilimos véos!..

Pobres, já o não sois!
Vós que choraveis, ride...
Sorar, enfermos, ide...
O lucto em gôzo é pois...

As urnas apromptae,
Chorasas peccadoras:
Para o perdão ha horas...
Vem-vos julgar um Pae.

A frente alçar podeis,
Escravos opprimidos...
Breve heis de ver partidos
Esses grilhões crueis...

Corramos a Belém...
Adoração, louvores,
De par com os pastores,
Rendamos lá tambem.

A' gruta!... Cessem ais!...
Logar mais aprazivel
Que este é impossivel
O possa haver jamais...

Presos (que gôzo!) aqui
Nos tem laço divino,
Sempre aquelle Menino
Nos escravise a si.

Nos prenda em sua mão,
Nos tome a liberdade,
Melhor felicidade
Não mais a tenho, oh! não.

Agora, abluida a dôr,
Em gratidão immerso,
Verter sobre esse berço
Vá lagrimas d'amor.



Adoração dos Magos

Saiba corresponder
A tanto beneficio
Com ter por exercicio
Ser leal até morrer.

M. F.

—
QUADROS RELIGIOSOS

O Nascimento do Messias

O tempo assignalado pelos Prophetas tinha chegado. O Messias promettido a Adão, Isaac e Jacob, e esperado desde a queda dos protoparentes do genero humano, devia apparecer em breve no mundo, que vinha resgatar.

A promessa, feita vaga e indeterminadamente a Adão, tornara-se cada vez mais clara e definida, á proporção que os tempos se vão aproximando.

Afirmara Deus a Abrahão, que da sua descendencia nasceria o Messias; dos filhos de Abrahão é escolhido Isaac, para herdeiro das magnificas promessas feitas a seu pae; dos filhos de Isaac, é Jacob a quem cabe aquella herança; Jacob moribundo faz a promessa a Judá; d'entre os ramos da tribu de Judá, é a familia de Jessé a privilegiada; finalmente, a promessa feita a David mostra a casa, onde se deve procurar o Redemptor.

Assim Deus, conduzindo-nos, passo a passo, do genero humano a um povo; d'um povo a uma tribu; d'uma tribu a uma familia, e d'uma familia a uma casa, foi guiando pela mão a humanidade, no caminho que devia seguir, para encontrar o Messias promettido.

Depois de o ter assim indicado com tanta precisão; mostrado ao mundo em innumeraveis figuras, e assignalado pelos prophetas todas as circumstancias do seu nascimento, paixão e morte, faz-nos Deus chegar ao tempo do nascimento do Redemptor promettido.

*
A monarchia dos Medos fora destruida; a Persia tinha perdido o seu imperio; a Grecia curvava-se ao jugo da escravidão, e Augusto reinava em Roma, reunindo todos os povos sob um só e unico imperio, segundo a predição de Isaias.

Estava pois realisada a propheta de Daniel, de que o Messias nasceria na quarta monarchia. A tribu de Judá tinha perdido o sceptro, empunhado então por Herodes o Ascalonita, rei só no nome, mas verdadeiro escravo dos romanos.

Cumpriu-se tambem a propheta de que, antes do nascimento do Messias, perderia Judá a sua auctoridade.

O Redemptor era ansiosamente esperado pelos crentes. Na propria Roma se espalhara, annos antes, o rumor de que em breve nasceria o rei do povo judaico. D'este facto dão testemunho os proprios escriptores pagãos.

Virgilio, soltando os sons melodiosos da sua lyra de ouro, canta o apparecimento de um filho do céu, que viria renovar os tempos. Tacito e Suetonio asseveram ser crença geral: que em breve sahiriam da Judea os dominadores da terra.

*
Jesus vinha, com sua doutrina sublime, regenerar o mundo. E bem precisava d'este medico divino o imperio romano, abysmado no bárathro profundo da desmoralisação mais desenfreada. O sentimento religioso estava extinto no coração do povo; incensavam se os idolos por cerimonia, e apenas como função official; zombava se impunemente dos deuses, que auctorisavam com as acções, que lhes attribuiam, todas as monstruosidades, e os mais escandalosos vicios!...

Desapparecera o decoro das mulheres, ainda as mais nobres e graduadas que, desauetorisadas da sua dignida-

de pessoal, se vingavam mergulhando-se nas maiores torpezas!...

Milhares de escravos, tractados com mais crueldade do que os animaes, corroiam as entranhas do imperio, chegando por vezes, em seu desespero, a pôr em risco a segurança de seus crueis senhores!

Os horrores impudicos, a que todos—senhores e escravos—se entregavam, não seriam acreditados, se os não verberara cruelmente a musa caustica de Juvenal, e nos não tivessees transmittido d'elles noticia Plinio e Suetonio!...

A venalidade, imperando em tudo—nos empregos, nas sentenças dos juizes, e até na decisão das batalhas—fazia parelhas com a devassidão.

Tanta era ella, que Jugurtha, retirando-se de Roma, depois de ter subornado tudo, para ficarem impunes seus crimes, jogou-lhe este sarcasmo pungente: Vende-se esta cidade, se apparecer um comprador!...

A antiga austeridade dos romanos tinha desaparecido. Agora só viviam engolphados nos mais asquerosos vicios, e nos prazeres da meza, cujo luxo e prodigalidade degenerava em loucura!

Erros no espirito, allucinação nos sentidos e corrupção nos corações, era toda a moral dos Philosophos, ainda os mais sabios! Parecia que os homens se haviam esquecido da sua nobreza de entes racionaes, para se tornarem por suas loucuras e incriveis extravagancias, seres despreziveis e abjectos!...

*
Era chegada pois a hora, designada pela Divina Providencia, para o apparecimento d'Aquelle, que vem regenerar a humanidade, libertar os escravos, quebrando-lhes as cadeas, e restituindo-lhes a dignidade de homens; collocar a mulher no logar honroso de amavel companheira, em vez de vil escrava, do homem; condemnar emfim todos os excessos, a que a humanidade se entregava com louco frenesi!...

O Redemptor, ha tantos seculos promettido á humanidade cahida, appareceu finalmente!...

Festejam os Anjos este fausto acontecimento, entoando melodiosos canticos de louvor a Deus, que se dignara attender aos gemidos da humanidade, escutar os votos dos patriarchas, realisar os vaticinios dos prophetas!...

Gloria a Deus nas alturas. Estão cumpridas as divinas promessas; libertados os homens do anathema do peccado de Adão!...

E na terra paz aos homens. Depois de quatro mil annos, estão realisadas suas esperanças; patentes as portas do céu, até então trancadas á humanidade!...

O peccado de nossos primeiros paes teve finalmente um reparador; a mulher forte esmagou a cabeça da serpente; o céu triumphou do inferno; o Bem levou o mal de vencida; a luz espancou as trevas; aos lamentos da humanidade cahida, succedem os hosannas da humanidade salva por Jesus!...

Ninguem é excluido das alegrias d'este dia venturoso.

Alegram-se os justos que, pelos merecimentos de Jesus nascido, alcançam a gloria celeste; os peccadores, que Elle convida ao arrependimento e ao perdão; os enfermos, a quem vem dar remedio, os captivos, que vem resgatar; os transviados, a quem Jesus é guia para o porto da salvação; os que andam envoltos nas trevas do erro, para os quaes é Jesus a luz do mundo. Alegram-se finalmente todos, por que Jesus vem salvar o que estava perdido!...

Prostrados reverentemente diante do humilissimo berço de Jesus Menino, entoemos o cantico angelico, que se fez ouvir no presepe de Belém!

«Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis.»

José VICENTINO PINTO DE CARVALHO, Abbade de Mancellos,

LYRA CHRISTÃ

Hymno da Igreja no Santo Nascimento de Christo

I

Jesus, Redemptor dos homens,
Que, antes que o mundo creara,
Semelhante á gloria sua
O Pae supremo gerara;

Vós, do Padre lume e brilho,
Nossa esperanza perenne,
Dos vossos servos pelo orbe
Ouvi a prece solemne.

Lembrae-vos, Auctor das cousas,
Que, quando outr'ora sahistes
Do sacro ventre da Virgem,
A nossa forma assumistes.

Concorrendo no annuo circulo,
Attesta o dia presente
Que viestes salvar o mundo
Do seio do Omnipotente.

Os astros, a terra, os mares,
Tudo quanto o ceo corôa,
A quem nos deu nova vida
Um novo cantico entôa.

E nós, banhados por santas
Ondas de sangue divino,
Porque em tal dia nascestes,
Vos tributamos doce hymno.

Jesus, da Virgem nascido,
Dê-se a vós subida gloria,
Com o Padre e o Santo Espirito,
Por seculos sem memoria.

II

Desde o ponto onde o sol nasce
Até onde morre o dia,
Cantemos a Christo Principe,
Filho da Virgem Maria.

O divino Auctor do mundo
De servo o corpo tomara,
Por, livrando em carne a carne,
Não perder os que formara.

Da Mãe purissima o ventre
Penetra a graça divina,
E segredos, que ignorara,
Traz n'elle a terna Menina.

Templo de Deus fica logo
Do casto peito a morada,
E concebe um Filho o seio
Da Donzella immaculada.

A' luz dá do mundo Aquelle
Que Gabriel predissera,
Que João, no ventre materno,
Occulto reconhecerá,

Soffreu jazer sobre palhas,
Um presepe não rejeita,
E quem as aves sustenta,
Modicamente se aleita.

Exulta o côro dos Anjos,
Cantam de Deus os louvores,
E o Pastor que creou tudo,
Se patenteia aos pastores.

Jesus, da Virgem nascido,
Dê-se a vós subida gloria,
Com o Padre e o Santo Espirito,
Por seculos sem memoria.

(TRADUZIDO POR A. MOREIRA BELLO.)

VARIA

O Natal

Cinco mil annos são passados e o mundo em anciosa expectativa! Mas eis que se realisam as prophcias que annunciavam que o Messias havia de nascer d'uma Virgem em Belem de Judá. Effectivamente nasceu Jesus, mas de que modo? Pobre, sem o minimo apparatus nem conforto, tendo apenas por berço uma mangedoura, por companhias dois inoffensivos animaes! Pasma a terra e com razão por vêr aquelle menino que vinha do céu, nascer n'aquellas tristes e desoladoras condições. Elle, que creou o firmamento estrellado, as flores mimosas, o vasto oceano; Elle, que povoou o céu de milhões de anjos e a terra de creaturas feitas á sua imagem, com um nascimento assim despresivel!... Mas que digo? o céu estava todo em adoração diante de Jesus menino, e os anjos entoavam-lhe «Hosannas». Todas as flores lhe adornavam e perfumavam o bercinho e as estrellas do céu lhe formavam docel com que se abrigava das inclemencias da estação, e o oceano lhe rendia homenagem, emquanto o mensageiro celeste com ordem divina ia radiante de jubilo annunciar aos pastores a grande nova—o nascimento do Redemptor—e a estrella prophetisada por Balaam se pôz á disposição dos magos do Oriente, guiando-os, d'aquellas longinquas paragens, á cidade mil vezes bendita de Belem. Oh! Jesus já não está só no seu pobre curral: os pastores radiantes de alegria com seus instrumentos musicaes e as suas almas sinceras e boas, prostram-se diante do Menino e manifestam-lhe o seu amor por meio de canticos infantis e presentes singellos. Oh! bello e sublime espectáculo que só o meditar n'elle faz assomar lagrimas aos olhos e o coração transbordar de indefinivel alegria.

Felizes pastores, que fostes os primeiros na terra a contemplar o Deus do céu sob as formas d'um gracioso menino, lindo como os sorrisos da aurora, meigo e sorridente como os anjos do empyreo, affavel e terno como a virtude; como vos invejo! Esse Menino tão bello que ainda hoje faz a alegria das almas puras que o escolhem para esposo, tinha nos olhos os lampejos da divindade, porque era Deus; na fronte o caracteristico da virtude, porque era santo tres vezes santo; a cabecinha adornada de formosissimos cabellos loiros á semelhança de fulgente diadema, porque era rei; as mãosinhas tão perfectas e formosas como os flocos da neve, porque era juiz; e todo o seu divinal corpinho tão correto, tão bello, tão encantador e resplandecente que arrebatava a formosissima Mãe Virgem em extasi de jubilo supremo, porque era Deus e homem verdadeiro. Oh! como vos invejo, pastores benditos, os

vossos presentes e vossos cantos, mas sobretudo as vossas almas humildes, sinceras e boas para com ellas prestar ao divino Menino tambem a minha vassalagem, o meu amor, o meu respeito e a minha adoração.

Dia de natal: dia bemdito e abençoado por Deus que fez descer do céo á terra seu unigenito Filho para resgatar a humanidade! N'um dia tão venturoso em que todos trajam gallas e as avesinhas dos céos tem hymnos tão harmoniosos para saudar a Jesus Menino, e que em toda a natureza resoam em unisono concerto cantos de amor e gratidão ao Menino Deus, oh! vamos, sim, trajando vistosas galas porque o dia é de regosijo e ventura, é o anniversario natalicio de Jesus; mas não nos esqueçamos de enriquecer a nossa alma adornando a com o magestoso vestido da penitencia, já que esfarrapamos o da innocencia, e vamos diante do presepio de Jesus depor-lhe, como cousa absolutamente sua, os nossos affectos, a nossa adoração, o nosso respeito e o nosso amor.

M. M.

CRITICA DE ARTE RELIGIOSA

O Natal no Louvre

O museu do Louvre é em dia de Natal um logar de refugio para o christão que se exaspera com o sabbat dos musicastros; e, effectivamente, em todos os santuarios de Paris exhibem-se então as melodias concebidas pelos mestres de capella a quem esta festa accelera a parturição, e todos acham o momento azado para desenrolar, sem vexação alguma, as maiores frioleiras do seu reportorio, fazendo cantar aos chantres os mais desconchavados accordes.

Aquelles a quem este refugio de garganteios indigna encontrarão melhor recolhimento no Louvre, deante de certas telas dos Primitivos do que n'esta vozeria furibunda das egrejas, porque, se n'esse dia não chove a cantaros, o museu está quasi vasio e, se mesmo os visitantes fôrem numerosos, elles se agglomerarão de preferencia no grande salão de pintura franceza moderna ou n'essas pastellarias da arte, onde a vista póde provar do crème de Boucher e dos pasteis de Greuze. E', pois, bem certo que junto dos Primitivos estaremos a sós.

Ora, tendo feito mais uma vez esta peregrinação por occasião da Natividade, tentei interpretar a maneira como estes pintores comprehenderam o Infante, e, após algumas horas passadas deante d'elles, trouxe estas pequenas notas.

Na galeria onde acampam os Primitivos de Italia, os Recem-Nascidos abundam, mas é necessario dizel-o muito claramente que a maior parte d'elles nos desconcerta. Escolhamos sete ou oito d'entre os mais curiosos e examinemos-os com cuidado. No painel de Bianchi, tão estranho, tão captivante, com os seus dois personagens de pé que nos olham com os seus olhos claros, sempre pungentes, o Jesus é trivial; é uma creança gorda de sorriso inexpressivo, um petiz como outro qualquer, surprehendido justamente no momento em que não grita.—Com o Lorenzo di Credi o menino torna-se ainda mais grave; é taciturno e obeso, o rosto dilata-se-lhe n'uma congestão e parece abençoar com dedos inchados. E' ao mesmo tempo infantil e velho. Ah! que triste gnomo, que triste Deus Menino! Se pararmos deante dos dois Lippi temos a mesma impressão d'um ser bochechudo e velhinho, quasi indigno;—deante de Mantegna, o seu menino parece estar prestes a verter lagrimas como que cheio de mimo;—deante do Perugino, o seu Messias é uma figurinha a derreter-se: apresenta um cranéo enorme e um ventre de meteoro. Mas os

mais hediondos seguramente são os de Gozzoli e de Beltraffio. O primeiro tem tufos de couve flor de cada lado da cabeça e uma poupa sobre a fronte. O segundo é ainda mais inquietador. A Madona que o tem ao collo espanta já pelo seu ar de mendiga á porta d'uma egreja; mas o menino é ainda peor, e nada poderá dar uma ideia do resai-bo unctuosos e hypocrita como tambem o modo pedinchão e teimoso d'esta creança. Creio que nunca se pintou Nosso Senhor e sua Mãe d'um modo tão infame.

Se exceptuarmos o Menino de Botticelli que ao menos é lindo, o de Mainard que abençoa com uma graça encantadora o pequeno S. João, o de Albertinelli que é soffrivel, notamos desde logo que todos são adiposos e feios e em seguida que todos são mais velhos que a sua idade.

Para exhibir a inexprimivel infancia d'um Deus, quasi todos os pintores se esforçaram por ajuntar á natureza humana, que elles copiavam, um lado reflectido e serio, que não existe na creança; mas não lograram obter esse caracter de gravidade que buscavam senão accentuando a phisionomia por meio d'um engrossamento de traços, por meio d'uma maturidade que só os annos dão. Crearam um ser hybrido, que não é uma creança nem um Deus, mas uma especie de monstro, nem menino nem homem, uma figura de Tom Pouce, de anão, n'uma palavra.

Melhor fizeram os que se limitaram a pintar uma creancinha tal como ella é, sem mesmo tentar acaricial-a; isto é proprio d'um ideal pouco alevantado, mas emfim não é tão indecoroso como esta heresia que consiste em unir os contrarios, enxertando a fadiga enrugada d'um valetudinario na face jubilosa d'uma creança.

Se deixarmos os artistas da Italia para irmos vêr as Virgens e os divinos Infantes das outras escolas, podemos verificar que, entre os quadros que representam a pretensa Escola dos Primitivos francezes no Louvre, ha dois verdadeiramente inv-javeis: um é d'um anonymo do seculo XV; mostra-nos, pois, uma Virgem Maria um pouco estranha com o seu modo de apertar entre os dedos o mamillo do seu seio, e um menino Jesus cheio de vivacidade, com uns olhos brilhantes, um pouco repuxados para as temporas; é um petiz tomado do natural, contente por ver que sua mãe se prepara para o aleitar, mas não passa d'um menino, nascido das obras d'um homem; o outro é ou pelo menos presume-se ser de João Perreal, de Paris. N'este, o pequenino está em cima dos joelhos da mãe; é menos carnudo, menos redondo, verdadeiramente mais travêso, mais alegre, que os meninos da Italia; mas quanto a Virgem é exquisita de candura, quasi extraterrestre, verdadeiramente a genitrix d'um Deus, tanto este pequenino, na attitude forçada, na posição penosa que affecta, não accusa descendencia celeste alguma, nenhuma origem préeterna.

Entre os precursores da Allemanha já é outra cousa; na sala em que elles dansam, pendurados de paredes nuas, encontra-se uma «Adoração dos Magos» de Gumpolt Giltinger. A Madona é uma robusta Gretchen de cabellos ruivos, e o Infante é um solido rapazinho de rosto largo e liso, tal como o de sua mãe; os magos, de soberbo e bondoso porte, são perfeitos retratos; o Menino, que se apoderou do pollegar d'um d'elles, ajoelhado a seus pés, é, bem vivo, mas vulgar; é uma creança cuja geneologia toda humana é mais que evidente. Um outro painel do seculo XV nos exhibe igualmente, na mesma sala, uma Virgem assentada por detrás d'uma sebe e tendo um petiz em camisa—um aborto doentio e desgraçoso; aqui ainda a filiação divina não se vê.

Acontece o mesmo com a maior parte da Escola de Flandres. No obscuro retiro para onde os julgaram poder relegar para pendurar no seu logar os paineis de Rubens, acaba-se por discernir um triptico dos começos do secu-



JESUS, Salvador dos homens

lo XVI, onde uma loura creancinha folheia um livro sobre os joelhos de Maria; depois, de Mabuse, um typo de anemico, pavoroso. Voltando d'este carcere infligido ás obras d'arte ao salão quadrado, distingue-se vagamente em um canto, na penumbra, um minimo Van der Weiden, uma Virgem sustentando sobre os joelhos um mægrinho bébé; mas o nosso museu não possui senão os rebotalhos d'este admiravel pintor!—depois temos a Virgem de Van Eick. A Virgem é humilde e ingenua, e, apesar da sua innegavel fealdade, seduz-nos por um certo sentimento de tristeza e de compuncção; mas o menino é demasiadamente feio.

Não é ainda Nosso Senhor esta creança decrepita! Para o descobrirmos realmente, para o vêrmos emfim, temos que ir á sala Duchatel e pararmos deante de Memling. Aqui, não nos achamos em presença d'uma d'essas matronas potentes, de carnes elasticas e de grandes ossos, taes como as pintaram os primeiros pintores da Italia, mas sim em frente d'um ser alongado, em fuso, d'uma finura deliciosa de vinculos, d'um corpo evaporado sob o relicario cinzelado dos vestidos; esta Virgem é uma joven mãe, que ainda participa assaz da terra para que possamos comprehendê-la como o milagre annuciado pelos prophetas se cumpriu, mas com este afilamento estranho, com este lançamento de haste, é d'uma dignidade extraordinaria, d'uma graça inaudita. Mais ainda que nos outros seus paineis, Memling deu á figura de Maria essa forma de pião que lhe affeição e arqueia a frente; mas que candura de amor não ha n'estes olhos que se abaixam a contemplar o menino! Sente-se perfeitamente que Ella não intervem senão como rainha na scena da adoração d'estes homens e d'estas mulheres, de joelhos, em ambos os lados do throno; Ella nada quer, nada toma para si; como que se apaga, e sorri, contente de tambem orar, baixinho, ao seu Filho.

E este está tambem a sorrir-se com ar grave, e o rosto vivo, fino, com os seus cabellos frisados de seda avelludada e estes olhos quasi negros, é mais que o d'uma creança, e é todavia o d'um recém-nascido; ha ao mesmo tempo alguma cousa de firme e de agosto, de ingenuo e de amavel, que não é obtido pelo senil costumeiro dos traços. E' simultaneamente sobrenatural e terrestre; é certamente aquelle que melhor suggere, no Louvre, o typo que parece impossivel de se pintar, do Emmanuel, do Menino-Deus.

A piedade e o immenso talento d'este pintor transpôz o escolho d'encontro ao qual todos se tinham quebrado, e devemos portanto crêr que a scena de Bethlem e os episodios da meninice de Christo são os mais difficeis de se representar, porque, sendo estes Primitivos da Italia, Allemanha e Flandres magnificos mestres, naufragaram quando quizeram pintar o Salvador no seu presepe, ao passo que se revelaram sublimes, verdadeiramente maravilhosos todas as vezes que representaram Nosso Senhor na idade do homem, e que o seguiram, passo a passo, até ao jardim das Oliveiras e até á sua morte no Golgotha.

N'este mesmo museu ha ainda um outro artista que tentou a perigosa empreza sem grande damno; é o esculptor ceramista Andrea del Robbia.

A pequena sala que occupa é talvez a mais deserta do Louvre; e no seu suave retiro innumerados seres encantadores em relevo se inclinam das paredes, Virgens e Meninos Jesus d'uma distincção, d'uma delicadeza que encantam e inquietam talvez um pouco, porque um passo a mais cair-se-ia no malicioso e no dissoluto.

As suas Virgens são jovens mães, Marias de Natal, todas de serenidade e todas de graça, e comtudo teem um não sei quê de assustadiço e de triste; quando o Menino está nos seus braços, estreitam-no ardentemente a si como com receio de perdê-lo; parece que estão a pen-

sar constantemente na alegria da maternidade divina, na prophécia de Semeão.

Tal é uma pequena Madona, esmaltada de branco n'um fundo azul, suspensa no extremo d'um corredor que vae dar a uma outra sala; Jesus é exquisito, mostra-se nos vagamento pensativo e sonhador; enlaça sua mãe, abraça-a, e esconde-se n'ella.

Mais accentuada é esta expressão de cuidado que se vê n'outro baixo relevo cercado d'uma grinalda de pinhas, de verdezelhas azues e brancas e de pômos côr de enxofre. Ahi, a Virgem tem o braço passado ao redor do corpo de seu filho, e segura-lhe com a mão o pé. Ella está triste e recolhida, e Elle tem o tronco um pouco arqueado, o braço a enlaçar o collo de sua Mãe e tendo uma ave na mão; mas os seus dedos prendem-na machinalmente, porque a physionomia attrahente faz-se grave. Ella sonha, teme de algum modo o futuro. Dir-se-ia que uma visão do Golgotha se desenha ao longe; ambos se calam, e o lado de languida formosura d'este grupo depura-se n'esta melancholia, affirma-se n'este constrangimento. Mais alegre é um outro pequeno Redemptor, adorado por Maria, n'um grande medalhão cuja copia está em Florença, e mais austero e mais firme um outro grupo no qual a figura da Virgem, os seus cabellos, os seus dedos e todo o corpo do Menino nú estão por vidrar, isto é, não estão recobertos de esmalte. O Infante, de pé, tem um pomo n'uma das mãos e abençoa com a outra; ha n'esta esculptura uma certa solemnidade, menos negligencia acariciadora na Mãe e menos ingenuidade no Filho.

Muito certamente, esta estatuaría, saída dos atelieres de Andrea, não tem, sob o ponto de vista da arte mystica, os arroubos d'um Memling, mas é persuasiva, porque tambem desprende um intenso sentimento religioso; se nunca attingiu o ideal que se póde formar d'um Deus, o Infante é, em todo o caso, mais que um menino; depois, a sua experta polychromia, obtida com que sobriedade de tons! um branco nevado de esmalte, um violeta escuro, dois azues dos quaes um quasi embaciado, um verde carregado, dois amarellos, um de enxofre e outro de cidra, e eis tudo.

Se recapitularmos agora as notas que fizemos durante esta galopada atravez do Louvre, podêmos resumil-as em algumas linhas.

Os Jesus dos Primitivos do museu são, com raras excepções, embriões inflados e horridos, anões obesos, e quasi todos têm, alguns mezes após o seu nascimento, figuras de homens.

E se ao menos fossem bonitos estes veteranos do berço! mas no entanto são d'uma fealdade que desanima; e isto torna-se tão pouco natural que afinal chega-se a crer que cada pintor, cego pelo amor paternal, não viu a belleza possivel d'outras creanças, e se limitou a pintar nos o unico que admirava, o seu!

Em summa, entre estes Primitivos, que descreveram piedosamente com uma sinceridade e uma ingenuidade, com uma arte incomparavel as scenas diversas da vida de Christo, não ha nenhum cujo talento não fraquejasse quando tentou abordar o Deus Infante; a maior parte d'elles não creou senão pequeninos puramente terrestres. Mas se estes meninos têm a cabeça nimbada d'um halo de ouro que elles eternisam! Este alibi é puramente vão. E a aureola não se deverá fazer ao redor da cabeça do divino Jesus sem haver necessidade de estar pintada?

(Trad. de P.)

J. K. HUYSMANS.
(Do livro «De Tout»).

AS NOSSAS GRAVURAS

A Adoração dos Magos

São muito contravertidas as opiniões sobre estes visitantes de Jesus recém-nascido. Querem uns auctores que fossem monarchas ricos e poderosos, e outros consideram-nos homens illustrados e philosophos, visto que n'aquelle tempo se confundiam as ideias de philosophia, astrologia e magia, estando aqui a origem do nome de Magos.

Demais, accresce que elles foram ter a Belem sem cortejo real como lhes competia este ultimo character se o tivessem, nem Herodes se lhes dirigia tão imperiosamente:— «Ide e informae-vos diligentemente do Menino, e, quando o achardes, vinde dizer-m'o, que tambem quero adoral-o;» e ainda a intenção que elles faziam de avisal-o se inspiração divina não os levasse a partirem por caminho differente.

Que eram homens ricos provam-no os ricos presentes offerecidos ao Menino Deus, e que eram astronomos notaveis revela-o o conhecimento da estrella annunciadora no meio de myriades que povoam o firmamento.

E' tambem discordante as terras a que os Magos pertenciam. Seriam da Arabia em rasão dos presentes que elles offereceram a Deus serem proprios d'este paiz consoante o Ps. 71 v. 10 que se applica na Epiphania: «Os reis da Tharsia e das ilhas lhe offerecerão dons e os reis da Arabia e de Sabbá lhe trarão presentes?» Ou seriam da Persia, em virtude das palavras de S. Lucas «vieram do Oriente», interpretando-se as palavras do Ps. acima pela conversão de todos os povos; e ainda que taes presentes tanto podiam ser da Arabia como d'outra região e que n'aquelle paiz nunca fôra conhecido o nome de Magos?

Ou seriam da Chaldea, pelo seu nome de Magos, apesar d'este paiz não ficar ao Oriente?

Ou seriam ainda da Mesopotamia, descendentes do celebre Balaam, aguardando portanto a appareção da vaticinada estrella para os guiarem á Judeia?

Esta opinião tambem não é admissivel, porque S. Lucas diz que «vieram do Oriente,» e sendo a Mesopotamia um paiz muito conhecido e ficando perto da Palestina, os Magos seriam conhecidos.

Parece, pois, mais certo que os Magos eram da Persia, porque este paiz ficava muito longe de Belem e para a parte do Oriente; demais na Persia havia o costume de se adorarem os reis recém-nascidos, e aos philosophos davam-lhes o nome de Magos.

Quanto á luz brilhante que os guiára, parece ser um meteoro e não uma estrella fixa, pois que os poetas antigos confundiam estes dois corpos celestes.

DE TUDO UM POUCO

Pelo Natal

Ao fundo da enfermaria das creanças, na pequena capella florida de agucenas e cachos de lilaz branco, tinham n'essa noite armado o presepio.

Uma boa alegria franca e expansiva animava todas aquellas louras cabecitas, que se inclinavam a cada momento sobre as almofadas do leito, para espreitarem no seu berço de palhas e de flores, o pequenino Nazareno.

Para que a festa fosse completa, permittira-se ás mães dos doentinhos a entrada na enfermaria. Por isso havia sorrisos de jubilo em todos aquelles labios crestados pela febre,—pétalas de rosa desbotada,—que nem as lagrimas das mães conseguiam colorir,

Esquecida de todos, sósinha, sentindo-se então mais abandonada do que nunca, a estrangeira, como lhe chamavam no hospital, assistia no seu leito de morte, e bem perto do tumulto, áquella festa de creanças a que ninguem tentara associar-a.

Entrara para alli havia dois mezes, pallida, anémica, quasi morta de frio e de fome. Filha de uns emigrados francezes, fôra para aquelles desgraçados todo o enlevo da sua vida de miserias e de tristezas. Recordava-se vagamente do pae,—o seu querido amigo já morto ha tanto!—mas como a saudade dilacerava horivelmente o pequenino coração da creança quando evocava a imagem consoladora e santa d'alguem que lhe queria muito e que morrera n'uma noite assim, noite de festa, tão formosa para os outros, tão tragica para ella!

Vagueou dias inteiros ao sol e á chuva, — o corpito enfezado exposto a todas as miserias, a alma presa ás recordações das boas horas passadas, que não voltariam nunca. Levaram-na depois para o hospital n'um dia em que a encontraram na rua semi-morta.

E agora morria lentamente, sem um carinho, sem uma lagrima de saudade a suavisar-lhe a amargura das ultimas horas. Inclinará docemente sobre o hombro a cabeçita gentil n'um gesto resignado; e pallida, o olhar amortecido, não desfitava o altar onde o Redemptor lhe sorria estendendo os braços n'uma benção infinita de piedade e amor.

La-lhe a alma toda n'aquelle olhar e ao tornar-se livida pela ultima convulsão, ella murmurou baixinho a sua unica supplica de todos os dias: — «Leva-me á mamã, Jesus da Galilea!...»

E enquanto as mães pediam a saude dos seus loiros pequeninos, n'uma prece santamente adoravel d'amor maternal, a candida alma da pequena estrangeira seguia liberta e pura pela estrada azul do céu.

D. MAGDALENA MARTINS DE CARVALHO.

Calendario:

Dezembro	Coroação do imperador Carlos Magno em Roma pelo Papa Leão III, no anno de 800.
25	Carlos Magno, rei dos francos e imperador do Occidente, era filho de Pepino o Breve, e nasceu na Germania, provavelmente no castello de Saltzburgo, na Baviera, em 742, e morreu em Aix-la-Chapelle em 28 de janeiro de 814.
1903	Coroadado rei por morte do pae em 768, a morte de seu irmão, em 771, deixou-o senhor absoluto do imperio dos francos. Inaugurou o seu reinado pela submissão da Aquitania e começou no anno seguinte a guerra extensa e encarniçada contra os barbaros do norte o que lhe deu em grande parte a sua celebridade.

Em 775 preparou uma segunda expedição que transpuz o Rheno e o Weser; depois invadiu a Italia á frente d'um poderoso exercito e fez-se coroar rei dos lombardos, recebendo a coroa de ferro dos seus antigos reis, de modo que o Papa Adriano, querendo premiar o vencedor dos infieis, recebeu-o em Roma com as honras do triumpho.

Tres annos depois a Hespanha era invadida; mas, atacado ao retirar pelos vascos dos Pyreneus, teve o desgosto de vêr a rectguarda do seu exercito desbaratada em Roncesvalles, onde morreu o bravo Rolando, tão cantado nos poemas e novellas de cavallaria da Edade-Media.

O anno de 779 foi o mais glorioso para o bravo imperador, que tres annos depois triumphava completamente dos seus inimigos. Em 786 desfez nma conspiração tramada contra si pelos nobres, e acabou de subjugar a Italia.

Contam-se ainda outras campanhas contra os bretões, mouros, bohemios, slavos, etc., ao todo umas cincoenta e tres, dirigidas por elle ou pelos seus capitães.

O seu vasto imperio estendia-se desde o Baltico ao Elba e do Oceano ao Adriatico e ao Theiss. Era o maior soberano do mundo, e por isso se lembraram os seus vassallos de eleval-o á dignidade de imperador. E, com effeito, a 25 de dezembro de 800 era sagrado por Leão III, e coroado imperador dos romanos, em Roma, na basilica de S. Pedro.

O celebre imperador não merece menos consideração como legislador do que como guerreiro. São notaveis as collecções de leis conhecidas pelo nome de «capitulares». Respeitador das tradições da Igreja de S. Pedro, confirmou as antigas doações do poder temporal dos Papas, augmentando-o ainda mais. Protegeu as sciencias e as artes, tendo por auxiliar o monge Alcuino, uma das maiores intelligencias do seu seculo, reorganizou o ensino, creou escolas e expurgou os textos que andavam eivados de erros pela ignorancia dos copistas. Elle mesmo era muito illustrado, conhecendo a rhetorica, a astronomia, a poesia, a musica, a lingua latina, etc.

Curiosidades :

Vinte e oito imperadores receberam no espaço de treze seculos a honra de serem sagrados pelos Summos Pontifices. Um em 545, em Constantinopla, Justino I, imperador do Oriente, pelo Papa João I; vinte e cinco em Roma—Carlos Magno em 800 por Leão III; Luiz o Pio em 816 por Estevão IV; Lothario I em 823 por Paschoal I; Luiz II em 850 por Leão IV; Carlos o Calvo em 875, e Carlos o Gordo em 880, ambos por João VIII. D'estes sete imperadores, o primeiro é grego, e os outros seis francezes. Segue-se-lhes um italiano, Guido, sagrado em 891 por Estevão V. Depois um allemão, Arnolpho, sagrado pelo Papa Formoso em 895. Em seguida um francez, Luiz de Borgonha, que Benedicto IV sagrou em 901. Volta um italiano, Berengerio, sagrado em 616 por João X. Começa a lista dos allemães: Othão I, em 962 por João XII, Othão II em 967 por João XIII, Othão III, em 996 por Gregorio V, Henrique o Santo em 1014 por Benedicto VIII, Conrado o Sabio em 1027 por João XIX. Henrique o Negro em 1046 por Clemente II, Henrique V em 1111 por Paschoal II, Lothario III em 1133 por Innocencio II, Frederico I em 1155 por Adriano IV, Henrique VI em 1191 por Celestino III, Othão IV em 1209 por Innocencio III. Aparece de subito um francez, Pedro de Courtenay, imperador latino de Constantinopla, sagrado por Honorio III em 1217, Continuum os allemães, Frederico II em 1220 pelo mesmo Honorio III, Henrique VI em 1312 por Clemente V, Carlos IV em 1355 por Innocencio VI, Segismundo em 1433 por Eugenio IV, Frederico IV em 1452 por Nicolau V, Carlos V em 1530 sagrado em Bolonha por Clemente VIII. Fecha a lista Napoleão-I sagrado em Paris em 1804 pelo Papa Pio VII.

Notas de sciencia :

Observaram dois physiologistas de Vienna, Lichten-telle e Frolichs, que a carne, á maneira das bebidas alcoolicas e do café, produz uma excitação artificial e de pouca duração, para logo seguida de abatimento. As pessoas que se alimentam habitualmente de carne, no dia em que d'ella se abstêm, não sentem aquella excitação e dizem então que têm menos força, o que é uma pura illusão.

Não vem fóra de proposito recordar as experiencias

de Ranke que, tendo alimentado uns cães com carne em excesso (1:800 grammas por dia), verificou, depois d'algum tempo, que os animaes definhavam e emmagreciam. E no dia em que tornou a dar-lhes alimentos feculentos, começaram elles a engordar de novo e a dar signaes de saude.

Pensamentos :

—Assim como a planta cortada do tronco logo se secca, assim a virtude separada da humildade não dura. (Selecta Classica).

—Summa miseria é ser rico de conceitos, e pobre de affectos; rico de verdades e pobre de virtudes. (Padre Luiz de la Puente).

—Fugindo da occasião, evitarás a tentação. (***)

-- A tentação a ti, e tu a Deus. (Padre Mestre Avila).

—A tentação não entra menos pelos ouvidos do que pelos olhos, pelo que sempre é perigoso ouvir o que se não póde dizer sem crime. (S. Francisco de Sales.)

—Callar-se é ausentar-se. (Um Padre do Ermo).

—Guardando a lingua se guarda a concordia. (S. Bernardo).

—O Silencio é a escola onde se aprende a fallar acertadamente. (S. Bernardo).

—Falla o que, e quando convém, e não ouvirás o que não convém. (S. Nilo Abbade).

Versos escolhidos:

Ao nascimento do Redemptor

Queimando o véu dos seculos futuros,
O vate acceso em divinaes luzeiros
Assim cantou (e aos echos pregoeiros
Exultaram, Sion, teus sacros muros):

«O Justo descera dos astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros;
As feras dormirão com os cordeiros,
Suarão doce mel carvalhos duros;

A Virgem será mãe: vós dareis flôres,
Brenhas intonsas, em remotos dias;
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.»

Não, não sonhou o altisono Isaias;
O' reis, ajoelhae; correi, pastores:
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

BOCAGE.

Humorismos :

Um padre rico e avarento, não sabendo onde guardar o seu dinheiro, escendeu-o em um logar da sacristia e escreveu em cima:

«Dominus est in ipso loco.»

(O Senhor está n'este logar).

O sacristião tirou d'ahi o thesouro, deixando a seguinte inscripção:

«Resurrexit non est hic.»

(Resucitou, não está aqui).

RETROSPECTO DA QUINZENA

Natal! Eis a festa dos encantos, da innocencia e da candura!

A terra para recebê-lo envolve-se em alvo manto de neve; são brancas as flores com que as creancinhas en-

feitam o presepe de Jesus; são alvas emfim as vestes do sacerdote, que vae entoar-vos canticos e offerecer-vos incensos, ó Deus de bondade, que, despido dos vossos raios refulgentes, vos mostraes hoje á creatura na face risonha e meiga d'um menino!

Correi com vossos cestinhos de flores, ó pastoras; entoae no empyreo canticos festivaes, ó potestades angelicas; sê toda gala e riso, ó natureza; é nado emfim o Libertador das gentes!

Hosanna ao Filho de David!

Foi acompanhada com summo interesse a polemica travada na «Palavra» ácerca do livro «A Caminho» de Huysmans.

Dois artigos assignados pelas iniciaes P. C. criticavam desleal e injustamente a obra, chegando até a sua ousadia a duvidar da sinceridade da conversão do seu auctor!

N'esta critica era evidente a má intelligencia do texto ou a intenção propositada de lhe deturpar o sentido, revelando ainda por parte do critico uma completa ignorancia da vida e obra litteraria de Huysmans.

Depois de dois artigos magistraes de Gomes dos Santos, o illustre jornalista catholico, que com a sua penna auctorisadissima defendia Huysmans contra as mesquinhaas criticas que lhe ousavam dirigir, a illustre redacção da «Palavra» deu por finda a questão.

A defeza de Huysmans será continuada no nosso jornal.

Recebemos os primeiros numeros do jornal vimaranense «Restauração» que veio substituir o antigo «Jornal de Guimarães». Renovamos os nossos cumprimentos e os votos sinceros para uma longa e prospera vida.



De Hespanha veio-nos na semana finda um acontecimento luctuoso — a morte do Cardeal Herrero, Arcebispo da diocese de Valencia.

Um dos mais velhos membros do Sacro Collegio, — tinha cerca de noventa annos, — era tambem um dos mais distinctos prelados hespanhoes.

A sua caridade era inexgotavel. Valencia estremecia-o. Por occasião

d'uma das grandes cheias do Guadalquivir, abriu as portas do seu paço para todos os pobres da cidade, dando de comer por espaço de muitos dias a uns sete mil necessitados.

Tendo ido a Roma assistir ao Conclave que elegeu Pio X, foi alli accommettido d'uma congestão que o teve ás portas da morte. Não chegou por isso a tomar parte nos trabalhos do Conclave.

Era descendente d'uma familia nobre que ainda ha pouco deu ás honras do altar Santa Antonia Belloni. Sua morte está sendo muito pranteada em Hespanha.

Quando esta revista estiver em distribuição, já estará

de regresso ao seu paiz o regio visitante da nação portugueza, o monarcha hespanhol Affonso XIII.

Tivemos, pois, a subida honra da visita do soberano d'uma nação amiga e irmã pela raça, companheira nas grandes conquistas de longos seculos, e por isso mesmo depositaria d'uma enorme herança historica como a nossa.

O povo portuguez recebeu-o como está nas suas tradições civicas, franca e cavalheirosamente, aclamando-o e felicitando-o entusiasticamente e sem mostras algumas de velhas rivalidades.

Sua Magestade Catholica deverá ter levado comsigo gratas lembranças d'esta nossa terra portugueza, pois que foi recebido aqui mais que como hospede, mas antes com o um parente proximo.

Oxalá, pois, se colham os resultados que taes visitas sôem produzir.

Effectuara-se no dia 8 do corrente, como fôra preannunciado, a costumada Academia religiosa promovida annualmente pela Associação Catholica d'esta cidade em honra da Immaculada Conceição.

Fôra convidado para presidir a esta festa o venerando Bispo do Porto, o Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso. Sua Ex.^a fôra recebido na sala de espera do edificio d'aquella prestimosa Associação pelo snr. general Cibrão, conde de Samodães, chefe do departamento maritimo do norte, conselheiro João Gualberto Povoas, commandante da brigada d'infantaria—Guedes Baeellar, coronel de artilheria, conselheiro José Guedes Brandão de Mello, Conego Manuel Luiz Coelho da Silva, dr. Francisco Martins, digno reitor do Lyceu do Porto, commandante da guarda municipal, etc. A's 8 da noite o illustre Prelado dava entrada no espaçoso salão, que se achava vistosamente ornado, executando então o sexteto o hymno da Associação.

Depois de assumir S. Ex.^a Rev.^{ma} a presidencia, fez um brilhantissimo discurso. Fez ver que era uma tradição n'aquella Associação a sua festa annual á Immaculada, e mostrou que esta festa é de todos os portuguezes. Em seguida disse que Portugal tem duplo motivo para fest-jar o dogma da Immaculada Conceição, como catholicos e como portuguezes por ser Ella a padroeira de Portugal. Relembrou varios factos da nossa historia e terminou por uma fervorosa prece á Virgem afim de que continuasse sempre nossa protectora.

O programma annunciado foi rigorosamente cumprido. Falaram o snr. dr. Arthur Bivar, dr. Alberto Pinheiro Torres e conde de Samodães e recitaram poesias os srs. Domingos Gonçalves de Sá Junior e Manuel Candido Loureiro Domingues.

Na parte musical salientou-se a ex.^{ma} snr.^a D. Maria de Lourdes Brandão de Mello que com a sua voz mimosa e avelludada, cheia de suavidade e doçura, arrebatou a selecta assembleia.

O ex.^{mo} snr. Luiz Pinto d'Albuquerque tambem cantou admiravelmente *O cor amoris victima* e *Il nome de Maria*.

Os restantes, D. Sola Conde ao piano, José Gouveia, no violoncello, e o sexteto composto dos melhores professores de musica do Porto e dirigido pelo snr. Carneiro, salientou-se sobremodo.

A sala estava replectissima, e via-se abi as mais distinctas familias portuenses.

Agradecemos penhorados o convite que nos fôra feito.

A Associação da Mocidade Catholica d'esta cidade tambem realisou no dia 13 do corrente a annunciada academia em honra da Immaculada Conceição.

Foi uma festa deveras sympathica, cujo programma

fôra bellamente cumprido e a sua assistencia numerosa e selectissima.

A parte litteraria, quer nos discursos, quer nos recitativos, fôra verdadeiramente magistral, sendo dignos de louvores todos os que collaboraram n'ella. Tiveram pois, as honras da noite os srs. José do Souza Ribeiro, Mario Augusto de Mesquita Barros, Julio Pereira do Amaral Junior, Manuel Candido Loureiro Domingues, Arnaldo Narciso da Fonseca e Silva, Antonio Alves da Silva, José d'Oliveira Freitas e Domingos Gonçalves de Sá Junior, que foram os oradores e os recitadores da festa.

O ex.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya tambem prehenheu um numero do programma com aquella graça tão sua peculiar.

Fechou com chave d'ouro o nosso venerando Prelado, que n'um bello trecho de prosa mascula e castiça mostrou as vantagens e a necessidade da associação em geral.

Em summa, foi uma festa de perduraveis recordações, e digna de que se teçam os mais calorosos applausos a todos os seus cooperadores. D'aqui enviamos o nosso sincero agradecimento pelo convite que a direcção nos endereçou.

A todos os nossos distinctissimos collaboradores, que expontaneamente nos honraram com os seus escriptos para o brilhantismo d'este numero commemorativo do *Natal de Jesus*, a todos, repetimos, o nosso profundo agradecimento.

Completo o primeiro anno da sua publicação o «Evangelho», a sympathica folha volante que é distribuida gratuitamente á porta das egrejas no fim das missas. E' publicada aos domingos e contém o Evangelho de cada domingo, acompanhada de substanciosissimas reflexões sobre o texto. O seu alcance de propaganda salutar é obvio dizê-lo.

Por isso, não deixaremos de incitar á sua diffusão, e do louvar a corajosa iniciativa dos seus fundadores. Merece, pois, toda a protecção, todo o apoio dos catholicos.

Ha dias os jornaes diarios publicavam a seguinte engraçada noticia:

«O governo auctorizou a publicação da Encyclica de Pio X, datada de 4 de outubro ultimo.»

Esta noticia tem a sua pilheria, pois que nós — visto isso — só á criminosa indescricção dos jornaes é que devemos a sua leitura antes do regio beneplacito a consentir.

N'este caso guarde lá o governo o seu favor, porque não temos de que lhe ficar obrigado.

O Congresso de Bolonha dera muitos resultados praticos.

Foi precisamente a inspirada união dos catholicos que

o Congresso conseguiu realizar admiravelmente por meio d'uma acção dirigida pelo conde de Grosoli, que com o conde Medalogo Albani e o professor Toniolo deram ampla iniciativa ás associações catholicas. Venceram a inercia de certos grupos, modificaram os estatutos da Obra dos congressos, e pozeram na mão de Grosoli todo o movimento catholico. Isto valeu a sua ratificação pelo Vaticano e os encomios do *Observatore Romano*.

Tiveram especial attenção as questões apresentadas por Toniolo sobre a necessidade d'uma acção feminista christã e da organização de grupos de estudos e propaganda, compostos de mulheres que examinassem todos os problemas economicos e em especial os femininos.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

—Os n.^{os} 1719, 1720 e 1721 da «Revista Popular», interessantissimo semanario hespanhol que se publica em Barcelona—Hespanha.

—Os n.^{os} 4950, 4951, 4952 da «Revista Catholica» o denodado campeão de Vizeu, redigido pelo Snr. Conego Dr. Miguel Ferreira d'Almeida.

—O n.^o 245 do «Ecco Franciscano», mensario que vê a luz em Compostella—Galliza.

—O n.^o 12 do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus», utilissima publicação do Apostolado da Oração—Lisboa.

—O n.^o 12 do «Boletim Salesiano», o brilhante mensario das Obras de D. Bosco—Turim.

—O n.^o de dezembro da «Revista de las Hijas de Maria», que se publica em Barcelona—Hespanha.

—Os n.^{os} 1 e 6 da «Ilustração Portugueza», a monumentavel revista semanal illustrada, que é publicada pela empreza do «Seculo»—Lisboa. D'esta publicação fallaremos mais detidamente no proximo numero.

—Os n.^{os} 27, 28 e 29 do «Matto Grosso» folha religiosa popular que se publica em Cuyabá—Matto Grosso—Brazil

—Os n.^{os} 118, 119, 120 121, da «Biblia Sagrada», grande edição popular illustrada, com commentarios e annotações do rev.^o Santos Farinha. Esta edição é auctorizada pelo Em.^{mo} Cardeal Patriarcha e revista pelo Ex.^{mo} Snr. Dr. Conego Senna Freitas. As gravuras são soberbas e feitas sobre desenhos de Gustavo Doré. Assigna-se na Livraria Moderna, rua Augusta 95, Lisboa.

—Recebemos mais o «Livro dos Terceiros Franciscanos» da Empreza da «Voz de Santo Antonio» e um livro de poesias «Flores do Ermo» do nossa collaborados snr. D. M. do Rio, cujas apreciações faremos no proximo n.^o

Aos nossos estimaveis assignantes

De novo repetimos o nosso pedido para o prompto pagamento das assignaturas em divida, pois que a nossa empreza não tem outros recursos para a manutenção d'este jornal. Para os snrs. assignantes em atrazo de mais de um anno, vemo-nos na dura necessidade de lhes suspendermos a remessa do nosso jornal, se porventura até ao dia 31 de dezembro do corrente anno não satisfizerem as suas dividas. Lembramos a grande responsabilidade que pesa sobre todo o catholico que em vez de auxiliar o mais necessario arauto da sã doutrina nos tempos actuaes, a imprensa catholica, ainda por cima a prejudica com as suas insolvencias.

Todo o pedido ou reclamação dos nossos assignantes dirigida á administração deverá vir acompanhado do n.^o da respectiva cinta.